

Editorial

Prezados leitores, é com grande prazer que apresentamos este volume da *Revista Educação*, v. 34, n. 1, jan./abr. 2009, constituído pelo Dossiê de Antropologia da Educação e textos de demanda contínua. Informamos aos nossos leitores que a partir desse ano todo o sistema de editoração da *Revista Educação* passa a ser elaborado pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – SEER e a revista passa ser acessada pelo site: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>.

Abrindo a Revista apresentamos o Dossiê de Antropologia da Educação organizado pela professora doutora Ceres Karam Brum que é constituído por artigos de pesquisadoras brasileiras, latino-americanas e européias, demonstrando o vigor da produção nesta seara. A publicação desse Dossiê reflete diversos percursos de pesquisa, ensino e extensão universitária ocorridos nos últimos anos, num processo coincidente com a valorização da Antropologia da Educação como um dos fundamentos da Educação. Cada vez mais a disciplina de Antropologia da Educação vem se fazendo presente nos currículos dos cursos de licenciatura, bem como na formação de cientistas sociais.

Nesse contexto, desde 2005, a Antropologia da Educação vem ampliando espaço na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), através da criação de disciplinas de Antropologia da Educação para os Cursos de Pedagogia, Educação Especial e Ciências Sociais, como disciplina complementar de graduação. As interlocuções realizadas com os colegas dos departamentos de Fundamentos da Educação, de Educação Especial e de Ciências Sociais foram fundamentais, neste sentido. A todos que participaram deste processo nosso profundo agradecimento e reconhecimento pelo trabalho desempenhado. Gostaríamos especialmente de lembrar a atuação da Prof^a. Dr^a. Marisa Oliveria Natividade que faleceu em agosto de 2008, durante o percurso de produção do dossiê e a quem gostaríamos também de homenagear nesta oportunidade.

Um importante fórum de discussões e ações é o **DOM** – Grupo de Estudos de Antropologia da Educação, que atualmente reúne um conjunto de pesquisas de graduação e pós-graduação, bem como ações de extensão universitária. O grupo de estudos foi criado em 2006 e desenvolve suas atividades com a participação de jovens pesquisadores que buscam focar diferenças culturais e suas alteridades pertinentes como um desafio contemporâneo da educação. Esta busca de entendimento se cinge à complexidade das questões de escolarização mas, num outro patamar, também procura entender a percepção da estruturação do ethos de diversos grupos sociais e seus respectivos diacríticos, acionados na dinâmica de suas constituições identitárias como um problema educacional de cunho antropológico.

educação

A Antropologia da Educação é, hoje, um campo fértil de discussão em diferentes lugares do mundo, cujas temáticas de pesquisa abrangem dimensões tão diversas quanto os processos de socialização, aprendizagem e competências, como culturalmente situados, pesquisas sobre gênero, sexualidade, saúde e etnicidade, criança, violência, nacionalismos e regionalismos, consumo, escola e currículos, apenas para citar alguns exemplos.

No dossiê apresentado pela *Revista Educação*, os leitores encontrarão trabalhos plurais que discutem a questão da escolarização e da cultura escolar em diferentes níveis, enfocando o educar como um processo perpassado pela diversidade cultural no mundo contemporâneo, cujo foco, em termos metodológicos, é a pesquisa qualitativa com utilização ou, pelo menos, interlocução com o método etnográfico.

A pluralidade conceitual, que perpassa os textos, remete a um conjunto de interfaces e entrelugares (como expressa Neusa Gusmão), dentre os quais se destaca: o esforço antropológico dos pesquisadores para perceber as significações e operacionalizações atribuídas, pelos próprios sujeitos pesquisados, aos conceitos de cultura, educação, civilização, discriminação, inclusão, artefatos culturais, relações sociais, lugares e momentos de formação e relações de poder, simbolizadas em termos de relativismo ao universo estudado, enquanto cultura educacional. Nesse sentido, um dos recados da Antropologia da Educação é o desejo de comunicar o universal e o particular, através da busca do rompimento dos modelos caracterizados pela fixidez e perenidade. As pesquisas acenam para percursos pedagógicos e educacionais tendentes a visibilizar a superação do etnocentrismo, valorizando verdades relativas às práticas educativas estudadas

O texto inicial é de autoria de Anne-Marie Thiesse. Em **Ensinar a nação pela região: o exemplo da Terceira República francesa**, a autora aborda o desenvolvimento dos regionalismos na França em relação à afirmação do nacionalismo. Na escola primária, o amor pela “pequena pátria” foi utilizado para desenvolver o amor à grande pátria. Numerosos manuais escolares regionalistas foram publicados, fornecendo aos professores primários e aos escolares uma educação intelectual, estética e afetiva sobre as “pequenas pátrias”.

Neusa Maria Mendes de Gusmão reflete sobre o aparato teórico e metodológico da antropologia no fazer de outros campos e áreas do saber, buscando resgatar alguns debates no âmbito das reuniões bianuais da Associação Brasileira de Antropologia – ABA. Seu texto **Entrelugares: antropologia e educação no Brasil** mapeia a realidade do atual diálogo entre antropologia e educação, bem como apreende possíveis avanços e limites na dimensão da existência de uma Antropologia da Educação, no Brasil, e dos objetos, métodos e temas que a contempla.

Gabriela Novaro em **Palabras desoídas – palabras silenciadas – palabras traducidas: voces y silencios de niños bolivianos en escuelas de Buenos Aires** apresenta algumas reflexões em torno da forma de ocorrência dos processos de escolarização de crianças bolivianas, em Buenos Aires, ao abordar várias situações em torno de tensões identitárias, étnicas e nacionais em uma instituição educativa de nível primário, que afetam estas crianças em termos de aprendizagem. A autora enfoca as representações dos docentes sobre as formas de falar e os saberes em contextos educativos interculturais, para perceber os sentidos das palavras, silêncios e saberes que descentram crianças e adultos em situações cotidianas de interação e aprendizagem formal.

Arabela Campos Oliven em **Ações afirmativas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o seu significado simbólico** discute o significado simbólico de políticas de ação afirmativa nas universidades brasileiras, analisando o caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ao dialogar com o próprio termo ação afirmativa como um conjunto de políticas públicas para proteger grupos que, em uma determinada sociedade, são ou tenham sido discriminados. Sua perspectiva de reflexão é que a sub-representação de minorias em instituições e posições de maior prestígio na sociedade é considerada um reflexo de discriminação, visando-se, por um período provisório, a criação de incentivos que busquem certo equilíbrio da representatividade nesses espaços.

Estudando as relações étnico-raciais e de gênero, na escola e no espaço acadêmico, Wivian Weller, Erika do Carmo Lima Ferreira e Ana Paula Barbosa Meira em **Relações étnico-raciais e de gênero na escola e no espaço acadêmico: experiências de jovens-negras da Universidade de Brasília** apresentam experiências vividas por quatro universitárias que ingressaram pelo sistema de cotas nos cursos de Engenharia Elétrica, Medicina, Pedagogia e Serviço Social, da Universidade de Brasília. Com o intuito de obter insights sobre as representações raciais e de gênero, dialogam com os significados atribuídos pelos sujeitos, nestas situações de interação, para problematizar os mecanismos operadores na constituição dessas significações.

No texto, **Políticas públicas e educação para indígenas e sobre indígenas**, Antonella Maria Imperatriz Tassinari e Izabel Gobbi discutem a ampla reformulação pela qual passou a educação indígena, nas duas últimas décadas, no Brasil. As autoras efetuam um balanço das conseqüências e desafios das mudanças ocorridas, na legislação brasileira, no que se refere ao tratamento dos conhecimentos indígenas, nas escolas indígenas e não-indígenas, ao evidenciar os principais descompassos entre o que postula a legislação e o que vem sendo colocado em prática.

Rosana Pinheiro-Machado em **Reaprendendo a ser chinês: o “processo civilizador” de um país em transformação** discute as transformações recentes da sociedade chinesa acarretadas pela abertura econômica da era

educação

pós-Mao, ao argumentar que a China vive o seu “processo civilizador”, via introdução de novos valores e práticas a partir da sua inserção nos fluxos da globalização. Estes afetam inúmeras esferas da vida social e trazem profundas conseqüências na subjetividade dos indivíduos, provocando uma ressignificação das concepções culturais acerca do corpo e do comportamento, bem como um processo de fiscalização interna e externa sobre os mesmos.

Numa perspectiva histórica e antropológica, Joana Bahia em **O “espírito do comentário”: a idéia de educação e cultura como demarcadores étnicos** investiga a memória dos ativistas de esquerda da comunidade judaica e sua participação na Associação Scholem Aleichem (ASA) e no Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, e sua relação com os demais membros da comunidade, no período de 1920 a 1960. Enfatiza, também, a análise dos modos de construção da identidade judaica, refletindo sobre as diferenciações internas à comunidade de origem e os modos de construção de sua identidade étnica, no entendimento que possuem sobre “educação e cultura progressista” e, sobretudo, a importância da argumentação e do chamado “espírito do comentário”.

Finalizando o Dossiê, Ceres Karam Brum no artigo **“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas** estuda o poder de agência, em relação à simbolização do portar roupas específicas, no universo do gauchismo no Rio Grande do Sul. Também analisa os significados que o ser tradicionalista adquire nas falas de alguns jovens que participam do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em Santa Maria, com o objetivo de destacar algumas dimensões pedagógicas e educacionais deste universo, abordando o “prendado” e os estereótipos de feminilidade contidos no vestido de prenda.

Na segunda parte desse número da revista, apresentamos os textos de demanda contínua.

Emília Freitas de Lima é autora de **A formação inicial de professores e a didática na perspectiva inter/multicultural**, no qual apresenta e discute o lugar e a função da formação inicial/básica e a concepção da formação de professores, aí inserindo a discussão sobre o papel da Didática. Também procura justificar a defesa da perspectiva inter/multicultural e os principais domínios nela envolvidos.

Em diversidade cultural e políticas públicas educacionais, Lidia Kadlubitski e Sérgio Junqueira discutem, a partir de um pesquisa bibliográfica, sobre como as políticas públicas estão contemplando a “diversidade”, trazendo a pesquisa para o contexto atual das políticas públicas educacionais no Brasil. Também analisam como a diversidade cultural se tornou sinônimo de diálogo e de valores compartilhados, em oposição à homogeneização e imposição cultural.

Marcos Gehrke em **Formação de infâncias ledoras-escrevedoras: desafios da Escola do Campo** relata uma atividade de pesquisa realizada pelo curso de pedagogia da Terra junto às escolas do campo sobre as práticas de leitura e escrita desenvolvidas nas mesmas e com elas e sobre elas. Estabelece um conjunto de análises sobre a função social da leitura e escrita na perspectiva da formação de sujeitos ledores-escrevedores no contexto do campo.

Finalizando esse número, Mary Neiva Surdi da Luz e Glauber Oteiro Westphalen assinam o artigo **O fazer-se professor de língua portuguesa: constituição de identidades**, no qual apresentam uma pesquisa com egressos de um curso de Letras (Unochapecó/SC) acerca do ser e o fazer-se professor de língua portuguesa. Em seu dizer, os sujeitos da pesquisa marcam a importância do curso de graduação para a sua formação como professor de língua e enfatizam que o modo como optaram e se constituíram em sua profissão é influenciado pela instituição família e pelos conhecimentos teóricos e práticos estudados.

Agradecemos a todos os colaboradores que assinaram artigos nesse número e aos pareceristas. Boa leitura a todos!

Profa. Dra. Ceres Karam Brum
Organizadora do Dossiê: Antropologia da Educação

Profa. Dra. Cláudia Ribeiro Bellochio
Editora da *Revista Educação*

In memoriam:

*Dedicamos esse número da Revista ao colega do Centro de Educação,
incentivador e amigo*

Prof. Dr. Claiton José Grabauska

falecido em fevereiro de 2009.